

WILLIAMS, Michael J. **The prophet and his message: reading OT prophecy today.** Phillipsburg: P & R, 2003. Resumido por JLHack em abril de 2008.

Introdução

Profetas são figuras misteriosas. Sequer sabemos o nome de alguns. O propósito deste livro é entender o que é e o que faz um profeta.

Sem a correta chave para interpretá-los, corre-se o risco de distorcer suas mensagens em textos-prova para uma teologia em particular (especialmente quanto à escatologia), ou até mesmo o risco de evitar tais livros (na verdade, a Igreja atual evita todo o AT).

Pressuposições: a) perspectiva reformada; b) completa soberania de Deus; c) natureza orgânica das Escrituras; d) foco na obra redentora de Jesus; e) responsabilidade da igreja de ser agente de reconciliação no mundo (pois este pertence a Deus).

Metodologia:

- Os escritos proféticos são boa parte das Escrituras e não podem ser ignorados se quisermos vislumbrar o plano redentor de Deus (Am 3.7). Por isso estudaremos o que é um profeta (caps. 1-2).
- Estudaremos os profetas para entender o seu ofício e para o reconhecermos na história redentora posterior. Estudaremos o que faz um profeta (cap. 3).
- Este entendimento de sua função nos permite reconhecer quando está efetivamente em exercício, tanto individual como em comunidade. Veremos este aspecto corporativo da função profética (cap. 4).
- Compreender os profetas e sua função nos permite entender o ministério de Jesus, cumprimento completo do ofício profético (cap. 5).
- Veremos como tudo isto se aplica à nossa realidade como igreja (cap. 6).

1. O que um profeta não é

Ao eliminar o impossível, sobra a verdade (Sherlock Holmes). Começamos eliminando as características que não fazem parte do ministério profético bíblico.

O verdadeiro profeta:

- Não leva o povo para longe de Deus. Dt 13.1-5 alerta que quem promove a adoração de outros deuses é falso profeta. O verdadeiro profeta sempre encoraja a obediência à lei divina, e não a novos caminhos teológicos.
- Não é identificado apenas por sinais. Dt 13 mostra que falsos profetas também podem produzir sinais e Deus permite isto para testar seu povo. Sinais são sempre secundários à mensagem proclamada.
- Não manipula as pessoas, eventos, ou Deus, para seus próprios propósitos. É possível ter zelo religioso sem agradar a Deus (Pv 19.2), quando o adorador pensa que pode escolher qualquer forma para expressar sua devoção. Em geral, tais práticas visam manipular a divindade para obter favores. Por isso Dt 18.9-13 proíbe sacrifício de crianças (manipulação de Deus), adivinhação e bruxaria (manipulação de eventos e pessoas), consulta a espíritos ou a mortos (idem).
- Não desempenha sua tarefa descartando Deus. Tais manipulações para descobrir o futuro são tentativas de obter conhecimento que Deus não deseja compartilhar.
- É mais do que um mensageiro do Deus-Rei. A entrega de mensagens de Deus não se constitui na única tarefa do profeta (veja adiante). Além disso, sacerdotes e reis também falavam ao povo com autoridade divina.

- Não se caracteriza fundamentalmente pela sua relação com sacerdotes e reis. Não eram auxiliares deles, mas tinham sua própria função que colabora e conflita também com a destes outros. Não há consenso:
 - Muitos veem o profeta como antagonista dos sacerdotes (1Sm 15.22; Os 6.6; Jr 6.20; 7.22-23; Is 1.11-13; Am 5.21-25), até mesmo como portador de uma nova visão religiosa (espiritual x formal). Mas a crítica dos profetas era contra a religiosidade falsa, que não incluía vida correta diante de Deus (2Tm 3.4-5).
 - Outros veem o profeta como um funcionário do culto. Ele é mencionado junto com sacerdotes (Is 28.7; Jr 4.9; 8.1,10; 13.13; 14.18; 26.7,16; 29.1; Os 4.4-5; Mq 3.11; Sf 3.3-4) e é associado a lugares religiosos (1Sm 9; 10.5-13; 1Rs 11.29; 14.1-4; 2Rs 4.22-25). Mas é preciso diferenciar entre profetas verdadeiros e falsos. Os profetas bíblicos denunciaram a corrupção de sacerdotes e profetas em conjunto. Além disso, profetas não herdavam o cargo e alguns profetas também foram sacerdotes (Jr 1.1; Ez 1.3).
 - Muitos veem o profeta como antagonista dos reis (1Sm 13.1-14; 15; 2Sm 12.1-14; 24.11-17; 2Cr 16.7-9, 1Rs 16.1-4; 2Rs 1; Is 7; Jr 21-22), servindo como “guardiões da teocracia” (Vos; Young), isto é, de Deus como verdadeiro rei de Israel.
 - Outros veem o profeta como conselheiro real (1Sm 22.5; 2Sm 7.1-17; 1Rs 1; 22; 2Rs 13; Is 7; 36-39), especialmente em situações de guerra. Os profetas também anunciam o estabelecimento e a queda de reis.
- É mais do que um mediador entre Deus e homens. O profeta comunica a mensagem de Deus ao povo e intercede pelo povo diante de Deus. Todavia, há mais que isso no modo como desempenha sua função.
- É mais do que um reformador social. O profeta se preocupa com os marginalizados (Is 1.17; Jr 7.5-7; 22.2-3; Zc 7.9-10), com os quatro “sem”: pobres “sem-dinheiro”, órfãos “sem-pais”, viúvas “sem-provedor” e forasteiros “sem-direitos”. Ele critica duramente a sociedade por sua falha neste aspecto (Is 1.23; 3.14-15; 10.1-2; Am 2.6-7; 4.1; 8.4-6), tanto porque os israelitas deviam ser luz aos gentios, quanto porque já foram escravos no Egito. Tanto um foco exclusivo na justiça social quanto sua exclusão de nossa mensagem são exageros a serem evitados. O profeta não é mero representante de um ideal ou da ideologia de um grupo. Ele fala baseado em Deus (2Pe 1.20-21).
- Não é caracterizado pelo êxtase. A função profética parece caracterizada por certos comportamentos estranhos (Jr 29.26; 2Rs 9.11; Os 9.7; Jr 23.9; 1Sm 10.5-6; 19.20-24). Alguns distinguem entre profetas “do Espírito” (anteriores) e “da palavra” (posteriores), seguindo Mowinckel. Freeman refuta tal divisão, afirmando que todos os profetas eram tanto do Espírito como da palavra. O êxtase, portanto, embora ocorra ocasionalmente, não caracteriza o ministério profético, nem sua interação com outros.

As descrições até aqui são incompletas em algum aspecto. Vejamos o que um profeta é.

2. O que é um profeta

Devemos distinguir entre o que um profeta é e o que ele faz. Seu ofício profético (o que ele é) deve encontrar expressão em cada ato individual que ele executa (o que ele faz). Outros podem até executar as mesmas ações, mas não ter o mesmo ofício.

Para alcançar este objetivo, usaremos a seguinte metodologia:

- Pesquisa das palavras hebraicas usadas para profetas
- Consideração do chamado vocacional dos profetas
- Linhas gerais do ministério profético nas Escrituras
- Conclusão coerente sobre a missão profética.

2.1. Terminologia

- *navi'*: Gesenius a deriva de *nava* ('“fluir, ferver”), mas *nabu* no acádio significa “decretar, proclamar, fazer conhecido, nomear”. Assim, *navi'* tem o sentido de “nomeado” por Deus (tal como *mashiah* significa “ungido”; WOC §5.3c).
- *ro'eh, hozeh*: “vidente” (1Sm 9.9; 2Sm 24.11). Igual a *navi'*. Enfatiza o fato de receberem revelação por meio de visões (Is 30.10-11), de perceberem coisas não vistas por outros.

2.2. Chamado profético

Os profetas tinham convicção de seu chamado. Esta comunicação divina não é clara: sabemos que acontece, mas não como. No entanto, seu impacto na vida dos profetas é perceptível. Este chamado é descrito num formato que geralmente inclui:

- Confrontação divina: contato preliminar (Êx 3.1-3)
- Palavra introdutória: explicação e detalhes sobre o falante e sobre a missão (Êx 3.4-9)
- Comissão: essência da nomeação do profeta (Êx 3.10)
- Objeção do profeta: devido ao peso da missão, o profeta reage fracamente (Êx 3.11)
- Restabelecimento de confiança por Deus: Deus afirma que sabe o que está fazendo e capacitará o profeta para a missão e estará com ele a cada passo (Êx 3.12)
- Sinal divino de confirmação: dado ao profeta como garantia de que foi chamado e como encorajamento (Êx 3.12).

2.3. Diretrizes bíblicas

- Êx 4.10-16: Moisés afirma sua incapacidade de falar, e Deus afirma que lhe ensinará o que falar (4.12). Moisés será como Deus para Arão (4.15-16) e lhe dirá o que falar. Deus também ensinará Moisés e Arão a agir.
- Êx 6.28–7.5: expande o cenário anterior, mostrando Arão como profeta de Moisés. A mensagem profética não é restrita ao povo de Deus.
- Nm 12.6-8: Moisés era único. Deus se comunica com seus profetas por meio de visões e sonhos, mas diretamente com Moisés. Ele revela e esconde coisas de seus profetas, pois a mensagem nem sempre é clara. A compreensão da mensagem profética exige análise e não apenas audição (Is 6.9-10; 42.20; Jr 5.21; Dt 32.28; Mt 13.10-15). Isto implica que precisamos ser cautelosos na interpretação de seu significado, e não simplesmente tomar as profecias literalmente.
- Dt 18.14-22: Deus não é manipulável (18.1-13), mas revela sua palavra quando e como quer e a quem quer. Porém, como saber quando o profeta é verdadeiro? Sabemos que é falso quando o que ele anuncia não se cumpre. Mas isto não ajuda quando a profecia falsa “acontece”¹ ou quando a profecia verdadeira se refere a um futuro longe.

2.4. Profetas verdadeiros

Como verificar se uma profecia é legítima? Temos alguns indicadores:

- Mensageiros da desgraça: alguns profetas falam o que o povo quer ouvir (2Tm 4.2-4; Jr 23.16-18; Ez 13.8-16; Mq 2.11; 3.5,11), por isso devemos suspeitar dos que anunciam paz (Jr 28.8-9). O profeta bíblico está disposto a desagradar apontando o pecado do povo de Deus e suas consequências.
- Não-conformistas sociais: o profeta verdadeiro vai contra a opinião pública, por isso é em geral ridicularizado e perseguido. Ele não busca aprovação das massas, mas de quem o

¹ Mesmo um relógio quebrado marca a hora certa duas vezes por dia (p. 67).

comissionou.

- Tradicionalista: o profeta não promove nova teologia, mas aponta para a Palavra já revelada (Jr 6.16-19). A concepção contemporânea de “gerador de nova direção” não tem base bíblica. O profeta é guardião da verdade bíblica imutável.
- Vindicado pelos eventos: a palavra do verdadeiro profeta se cumpre (Êx 33.33) pois só Deus pode predizer o futuro (Is 44.6-7). Só Deus está no controle da história.
- Irrepreensível: o profeta verdadeiro leva uma vida exemplar (1Sm 12.3-5). É triste quando o profeta faz aquilo que condena. Os falsos profetas servem a si mesmos, não a Deus. Os verdadeiros, ao contrário, fazem o certo mesmo quando isto os fere e, geralmente, não estão ansiosos para proclamar a mensagem que os porá em problemas. Suas ações falam mais alto que suas palavras.

2.5. Conclusão

Focar em apenas uma destas dimensões não nos capacita a entender os profetas. Uma abordagem sucinta que resume todas estas dimensões é qualificar o profeta como representante de Deus, da comunidade e de si mesmo.

3. O que um profeta faz

Veremos como cada ação individual do profeta se encaixa na perspectiva proposta.

3.1. O profeta representa Deus

Esta é a função representativa mais bem reconhecida por todos os estudiosos. Mas o profeta representa Deus com todo o seu ser. Ele o representa de modo:

- Verbal: sua mensagem em geral começa com “Assim diz o Senhor”. O profeta transmite verbalmente a mensagem que lhe foi revelada. A revelação acontece:
 - Por visões e sonhos (Nm 12.6; Jl 2.28). Vos sugere que sonhos são o método de revelação que Deus usa com pagãos e pessoas pouco espirituais, mas isto é ir além da evidência bíblica.
 - Pelo concílio de Javé (*sod Yhwh*): é a assembleia celestial de Deus e seus anjos. Temos apenas vislumbres (Is 6.1-4; 1Rs 22.19-22) e sabemos que era restrito aos profetas verdadeiros (Jr 23.16-18).
 - Pela atividade reveladora do Espírito Santo: a inspiração do Espírito é essencial à atividade profética (1Rs 22.24; Mq 3.8; Zc 7.12; 2Pe 1.21).
 - Pela manifestação da palavra ao profeta: é o caso mais comum, embora não saibamos explicar como isso realmente acontece.
 - A comunicação profética da revelação acontece de algumas formas específicas: relatos (narrativas na terceira pessoa sobre ações do profeta), discursos (de julgamento ou de salvação) e orações (louvor ou lamento).
- Comportamental: os relatos descrevem ações do profeta, que transmitem pelo que se vê, tal como uma linguagem corporal. Estas ações não acontecem isoladas, mas sempre servem para substanciar a mensagem falada. As ações simbólicas são realizadas pelo profeta ou em seu lugar (Jr 18.6; 19.11; Ez 5.1-4; Os). A tarefa profética envolve tempo integral (24x7). Por isso precisamos examinar todo detalhe da vida do profeta quanto ao seu potencial de revelação.
- Emocional: cada estado mental, cada disposição, cada aspecto interno não-verbal e invisível de um humano pode ser usado de modo revelador. Jr é “chorão” porque manifesta abertamente suas emoções (Jr 13.15-17; conforme 14.17-18; Mq 1.8). Amós demonstra sua ira (1.2; 5.21-23), Oséias seu amor incondicional (3.1).

- Completo: os profetas são, de fato, manifestações pré-encarnacionais de Deus; são os “pequenos Javés”. Ele manifesta Deus por meio de palavras, ações e emoções. Tais aspectos podem ser separados didaticamente, mas acontecem juntos na vida real.

3.2. O profeta representa sua comunidade

- Verbalmente: por meio da oração, ele fala a Deus representando a comunidade (Êx 32.30-34; Sl 106.23; Nm 12; 1Sm 7.5-13; 12.18-23; Am 7.1-6; Is 37.1-4; Jr 37.3). Ele tem uma responsabilidade intercessora (Ez 22.30) e os que falham nisto se revelam como falsos profetas. Quando o julgamento divino já era inevitável, Deus proíbe o profeta de interceder (Jr 7.16; 14.11).
- Por comportamento: algumas ações simbólicas representam o futuro da comunidade (Ez 4.9-17; 12.3-6; Jr 27.2). Em outro tipo de representação comportamental, o profeta prefigura em sua vida a experiência pela qual a nação vai passar (Jr 16.1-4,8-9; 32.6-7,15; 37-39).
- Emocionalmente: o profeta não existe sozinho, mas dentro de uma comunidade. O relato de como a mensagem divina afetou o profeta também é significante (Jr 8.18-19; Mq 7.1,7-10), pois descreve o impacto na sociedade.
- Completamente: o profeta nunca deixa de ser parte da sociedade que recebe sua mensagem.

3.3. O profeta representa a si mesmo

Enquanto desempenha seu papel diante de Deus e da comunidade, o profeta não deixa de ser ele mesmo:

- Verbalmente: o chamado profético é uma experiência individual do profeta (Is 6.1-13), assim como certas expressões verbais (Am 7.14; Ez 4.14; Jr 31.26).
- Por comportamento: certas ações são parte da vida comum do profeta, como viajar (Jr 19.14; 37.11-15) ou resolver negócios.
- Emocionalmente: certas expressões emocionais refletem a reação do próprio profeta à sua missão, como por exemplo as “confissões de Jeremias”.

3.4. Funções entrelaçadas

É complicado separar estas funções na experiência atual do profeta. Ele sempre representa ao mesmo tempo um pouco de Deus, da comunidade, e de si mesmo. Tais aspectos coexistem e, às vezes, de forma tão forte que é difícil determinar qual é a representação primária.

Is 26.7-21 mostra o profeta representando sua comunidade (v. 7-8,12-15,17-18), a si mesmo (v. 9-11,16), a Deus (v. 19-20). O mesmo ocorre em Jr 4.22-26. Esta mudança de 1^a para 2^a e 3^a pessoas no discurso é em geral o resultado desta tarefa representativa múltipla do profeta, e não de um editor posterior relapso. Deus usa estes diferentes aspectos que se sobrepõem para nos comunicar sua vontade por meio de sua Palavra.

Estes métodos podem nos apontar o caminho de como nos comunicarmos com os outros e desempenharmos o papel profético que temos como Igreja. Para isso, devemos analisar antes como tal papel é desempenhado como comunidade.

4. O papel profético de Israel

Como a história de redenção de Israel nos provê um modelo de comunidade profética no mundo? Eles ocuparam uma terra estranha e interagiram com outros povos vizinhos, ensinando-os sobre Deus e a humanidade.

4.1. Israel representa Deus

A tarefa profética de Israel inclui o comunicar a mensagem de Deus à comunidade de nações da qual Israel faz parte. Israel age como uma personalidade corporativa única.

- Verbalmente: Israel desde o início teve a responsabilidade de transmitir às nações o conhecimento recebido de Deus (Sl 96.2-3) e a salvação por ele proporcionada (1Sm 17.45-47). Embora devesse ser uma luz para os gentios (Is 42.6; 49.6; 51.4), Israel falhou nisto (Is 26.18; Jonas).
- Experimentalmente: o relacionamento de Deus com Israel sempre objetivou comunicar seus atributos e testemunhá-los diante das nações (Js 4.23-24; Ne 9.10). O relato do que o Deus de Israel tem feito (Js 2.10-11; 5.1; Ez 28.25) atinge as nações. Israel deve comunicar a salvação de Deus aos outros pelo seu comportamento. Estes “outros” incluem todas as nações da terra, tanto no espaço quanto no tempo. Quando lemos o AT hoje, Israel está sendo luz para nós gentios mais uma vez.

4.2. Israel representa as nações

Tal como Israel olha para o profeta como representante do que lhe acontecerá, as nações olham para Israel do mesmo modo.

- Verbalmente: corporativamente, Israel também intercede pelos gentios (Gn 20.7). A comunicação de Israel com Deus prefigura a comunicação que Deus deseja ter com as outras nações (1Rs 8.41-43; Is 56.6-7).
- Experimentalmente: pelas suas experiências registradas nas Escrituras, Israel tipifica e testemunha às nações (1Co 10.6,11).

4.3. Tipologia versus alegoria

Interpretação tipológica é o entendimento do texto bíblico que determina o significado dos tipos do AT à luz de seu cumprimento redentor em Jesus. Há experiências de Israel que não são tipológicas? Alguns afirmam que sim!² Porém, é por medo de cair na temível alegoria. A interpretação tipológica difere da alegoria no fato de se basear indispensavelmente na realidade dos fatos da narrativa original e em que o mesmo princípio seja incorporado tanto no tipo quanto no antítipo. Critérios para identificar tipos são: correspondência reconhecível entre tipo e antítipo; compartilhar da mesma realidade básica (são apenas expressões históricas diferentes); a realidade expressa pelo tipo deve ser expressa mais plenamente no antítipo.

As experiências de Israel, tomadas como um todo, podem ser consideradas tipo da atividade redentora de Deus num nível mais amplo em Jesus (conforme Calvin). São um anúncio profético da redenção divina. E não implicam em Israel ser apenas símbolo e perder sua identidade como história real. É um perigo maior negligenciar os tipos que interpretá-los mal.

4.4. Exemplos da história de Israel

Como Israel tipifica a obra redentora de Jesus?

- Israel se origina em Abraão (Gn 12); a Igreja, em Jesus.
- Israel se formou pela obra redentora de Deus em libertá-los do Egito e firmar com eles uma aliança no Sinai; a Igreja é semelhantemente formada (Êx 19.5-6; 1Pe 2.9).
- Israel foi liberto da escravidão do Egito; a Igreja, da escravidão do pecado (Rm 6)
- Israel dependia do maná no deserto; a Igreja, do Pão do Céu (Jo 6.49-51).
- Israel foi trazido à Terra Prometida para comunhão com Deus; a Igreja, idem (1Co 1.8-9)

² Berkhof, Goppelt, Kaiser & Silva, Terry, Thiselton.

(no NT a terra é representada por Cristo e o reino de Deus).

- Israel é separado para vida santa entre as nações (Lv 20.24,26); a Igreja também (2Co 6.14-18).
- Israel é julgado por Deus e bebe de seu copo de ira; Jesus bebe deste copo, também o julgamento das nações é prefigurado em Israel.
- Um remanescente fiel sobrevive ao julgamento divino sobre Israel; um remanescente passará pelo futuro julgamento da Igreja (Mt 25.31-46; 13.24-30; 7.21-23).

O fim da revelação escrita após o retorno do remanescente sinaliza o fim da função profética de Israel. Israel comunicou por completo o plano redentor de Deus para a humanidade em Cristo por meio de suas experiências nacionais. Era hora de começar o cumprimento em Jesus.

Israel cumpriu esta tarefa profética, em geral a despeito de si mesmo! Deixou às nações um drama visual em que encenaram o plano divino de salvação. Esta visão do significado tipológico de Israel não é novidade. Vem dos pais da Igreja e do NT. Não estamos descobrindo algo, mas recuperando o que foi perdido.

Isto implica também em que a Igreja tem hoje uma função profética, tal como Israel. E isto começa com Jesus, o foco de toda a história de redenção.

5. O profeta perfeito: Jesus Cristo

Para conferir se nossa interpretação exegética está correta, precisamos ver se ela se aplica ao maior dos profetas. Esta aplicação pressupõe compreender a Bíblia como divina revelação de salvação: é uma revelação que procede de Deus (2Tm 3.16; 2Pe 1.20-21); é uma revelação que visa a salvação dos homens, o retorno ao relacionamento correto com Deus; é uma revelação que foca na obra redentora de Jesus.

5.1. Jesus representa Deus perfeitamente

Jesus cumpre perfeitamente o ofício de profeta. Ele não apenas o ilustra, mas é a plenitude deste ministério.

- Verbalmente: em diversas ocasiões Jesus apresenta sua mensagem com autoridade divina. Ele mesmo declara tal origem (Jo 8.26-28). Mais do que falar as palavras de Deus, Jesus é a encarnação desta Palavra (Jo 1).
- De modo comportamental: as ações miraculosas e poderosas de Jesus são sinais que demonstram sua reivindicação messiânica e a verdade de sua missão redentora (Jo 10.25; At 2.22). Mais do que ações simbólicas, Jesus manifesta o poder divino diretamente para demonstrar que o reino de Deus é chegado. A ação mais poderosa é a sua ressurreição (Rm 1.4), que declara que Jesus é Deus.
- Emocionalmente: Jesus demonstra a compaixão de Deus várias vezes (Lc 19.41), assim como sua ira (Jo 2.13-17; Mt 23.1-16).
- Completamente: tais aspectos não podem ser separados. Jesus representa Deus na totalidade de seu ministério (Hb 1.1-3).

5.2. Jesus representa sua comunidade perfeitamente

Visto que Deus não é humano, como poderia nos representar? Para isso, Deus precisou tornar-se humano para compartilhar de nossas experiências e nos redimir (Hb 4.15). Assim Jesus pode nos representar na obediência (Rm 5.18-19), na penalidade do pecado (Hb 2.14-17), diante de Deus (1Tm 2.5) e na ressurreição futura (1Co 15.23).

- Verbalmente: Jesus intercede por nós (Jo 17.6-20; Rm 8.34; 1Jo 2.1; Hb 7.25) e nos representa na plenitude do seu ser.

- De modo comportamental: embora outros profetas simbolicamente representem o julgamento divino sobre o pecador, Jesus realmente nos representou ao experimentar completamente a punição para o pecado de toda a humanidade (Hb 2.14-17). Esta representação também se estende à ressurreição dentre os mortos, ao novo início promovido por Deus do qual ele é a primície (Rm 6.4-7; 1Co 15.20-23).
- Emocionalmente: Jesus também sente fome e fadiga (Mt 4.2; 8.20), sente compaixão e se ira, sente dor e angústia (Mt 26.38), e alegria (Jo 15.11).

6. O papel profético da Igreja

Antes de examinarmos como aplicar o que aprendemos à Igreja, precisamos definir o que entendemos por igreja. Quatro modelos errados são:

- Local de palestras (ou sala de aula): pessoas se reúnem para ouvir as Escrituras, com culto unidirecional (de Deus para o povo).
- Show de variedades: o objetivo maior é o entretenimento dos consumidores e o incremento do número de frequentadores. A visão é de “o que eu lucrei com o culto”.
- Corporação: a equipe pastoral se vê como diretoria de uma sociedade religiosa que visa vender o produto Evangelho.
- Clube social (ou reunião de família): o conceito bíblico de comunhão envolve encorajamento mútuo na fé e no serviço a Deus e na vida individual. No clube acontece apenas a confraternização social.

Como devemos entender a Igreja então? É a comunidade carismática do povo de Deus. É carismática porque se origina na graça divina e se constrói sobre os dons espirituais (Ef 1.3-14; 1Co 12.7). É uma comunidade, local de comunhão, onde cada um encoraja o outro e presta contas de si mesmo a outros. É o povo de Deus, chamado, redimido e sendo transformado por Deus.

6.1. A igreja deve representar Deus

A igreja tem um chamado profético, delineado em Mt 28.18-20 (comissão: “ide” e confirmação: “estarei com vocês”). A encarnação de Jesus qualifica-se como a confrontação divina e seu ministério como a palavra introdutória. A objeção se percebe nas lutas e relutância da igreja em cumprir esta missão. E o sinal confirmatório se dá no Pentecoste.

- Verbalmente: é o tradicional ministério da igreja, ao proclamar o Evangelho (2Tm 4.2; Rm 10.14-15). Envolve a pregação, o ensino (2Tm 2.24-25), o evangelismo (At 1.8; 2Co 5.17-20).
- De modo comportamental: como embaixadores, nossas ações representam tanto quanto nossas palavras (Mt 5.16; 1Pe 2.12).
- Emocionalmente: temos ordem de demonstrar compaixão, perdão, amor, e alegria, de forma a demonstrar tanto nossa humanidade quanto a personalidade divina. Nossas emoções devem estar sob o controle da mente renovada (Rm 12.1-2) e servir a Deus.
- Completamente: todos estes aspectos devem comunicar a mesma mensagem. Em geral há uma ênfase demasiada na dimensão verbal com prejuízo das outras. Mas é preciso não menosprezar a dimensão do comportamento (Rm 15.18; Fp 1.27; 2.14-16).

6.2. A igreja deve representar a humanidade

A quem a igreja deve representar? Tal como Israel tipificou a Igreja, esta tipifica a comunidade futura do novo céu e da nova terra, algo já delineado por Orígenes.

- Verbalmente: devemos cuidar do nosso uso de palavras, tanto em oração intercessora (Rm 12.12; 1Ts 5.17) quanto no relacionamento mútuo (Ef 4.29).
- De modo comportamental: a igreja é chamada a representar como a humanidade foi

projetada por Deus para ser, vivendo em amor e união.

- Emocionalmente: também precisamos compartilhar os sentimentos de nossos irmãos (Rm 12.15; 1Ts 4.13; 5.16) e expressar de modo prático nosso amor à humanidade.

6.3. As funções representativas da igreja se fundem

Estas representatividades se fundem em um modo de ser. É pela nossa unidade e amor que demonstraremos tanto Deus quanto seu projeto para a humanidade (Jo 17.20-23).

Compete aos líderes da igreja demonstrar à congregação como isto é feito. Isto começa pelo seu próprio exemplo pessoal (1Co 11.1; Fp 4.9; 1Tm 4.11-16). Observe-se como as qualificações para a liderança são comportamentais (1Tm 3.1-13; Tt 1.6-9), com o adendo de serem hábeis para ensinar. Em geral, enfatizamos de modo contrário.

Para exercermos a tarefa profética para a qual fomos chamados como igreja, devemos evitar a hipocrisia, alinhando corretamente estas diferentes dimensões estudadas e não enfatizando nenhuma delas acima das outras.

7. Considerações finais

Pela nossa análise do AT, descobrimos que profeta, Israel, e nações, são tipos de Jesus, igreja e não-crentes. O profeta tem sua função para com Israel, assim como Israel tem para com as nações. É a mesma coisa com a igreja. Não podemos nem desprezar nem nos sentirmos impossibilitados de imitar os profetas do AT. Fomos chamados para a mesma missão profética.